



Seleção e acasalamento dirigido – Olho, números, ou os dois?

A migos selecionadores de gado, já estamos em novembro, mês em que muitos criadores entram ou tentam iniciar a estação de monta - já que em muitos estados a chuva ainda não permite o seu começo, que é uma das etapas fundamentais da atividade pecuária pelas fazendas do Brasil.

A estação de monta, além de concentrar o manejo de inseminação ou monta natural e, consequentemente, de nascimentos, também possibilita a seleção para fertilidade no rebanho, característica que comprovadamente é a mais importante do ponto de vista econômico, portanto, deve ser prioridade para quem trabalha com o sistema de cria, seja para produção de genética, seja para venda de bezerros ou bois. A seleção pela fertilidade aliada ao descarte das matrizes que desmamam bezerros leves ou fracos já adianta boa parte do processo de seleção da base de matrizes, que nada mais é do que o solo onde o pecuarista irá plantar as sementes – será que um agricultor de ponta plantaria sementes altamente tecnicizadas e com alto índice de produtividade em uma terra infértil ou com histórico de baixo desempenho? Pois é, quando o objetivo é lucratividade, a colheita precisa ser maximizada, e isso só se consegue com uma base forte, conhecida, analisada e bem trabalhada.

Devemos lembrar que existem apenas dois momentos em que podemos mudar a constituição genética de um rebanho: na seleção e nos acasalamentos dirigidos.

Na seleção, falamos das matrizes que devemos manter ou descartar, das novilhas que serão a reposição, e dos reprodutores que serão utilizados. Devemos avaliar morfologia (biotipo, raça, apurados, etc.) e números (avaliações genéticas - DEPs), buscando as características as quais o rebanho preci-

sa melhorar para utilizar como critérios de seleção.

E sobre os acasalamentos dirigidos? Na minha opinião, uma das etapas fundamentais para o sucesso da atividade, desde a escolha dos touros a serem utilizados - devemos ser rigorosos no critério para eleger os touros de Central de Coleta de Sêmen, onde temos um leque enorme de possibilidades - é o conhecimento das linhagens, da morfologia e da interpretação das avaliações genéticas. Na mesma linha, segue a eleição dos touros que compramos ou selecionamos dentro do rebanho para trabalhar na monta natural.

Para nos certificarmos das escolhas mais acertadas, conhecer profundamente o rebanho de origem, saber interpretar números, linhagens e morfologia são requisitos fundamentais para obtenção dos melhores resultados. Cuidado com a história de que “touro é touro”: nada disso, existem touros e TOUROS. Principalmente quando falamos de produtores de touros para venda (semente melhoradora), cercar-se de todas as garantias na hora de realizar os acasalamentos é essencial. Retomando a analogia com a agricultura, depois de garantir a fertilidade e a qualidade do solo que será trabalhado, será que o bom agricultor utilizaria a semente do paiol do vizinho ou compraria qualquer semente pelo melhor preço sem analisar e se certificar de todas as garantias de resultado?

Impressionante a revolução tecnológica e a evolução de produtividade pela qual as lavouras brasileiras passaram nos últimos 15 anos? Será que os agricultores alcançaram esses resultados apenas escolhendo as terras que achavam mais bonitas ou selecionando sementes entre “as cabeceiras” pelos paióis da região por serem mais baratas? Ou será que foi através de pesquisas, comparando resul-

tados, analisando números, considerando as condições geográficas e climáticas e contratando consultores qualificados para orientá-los na busca pela produtividade e retorno de investimento? Se a pecuária quiser – e precisa! – evoluir na mesma velocidade para competir à altura no mercado, deve refletir, observar a agricultura e investir na profissionalização do negócio.

Nos rebanhos de gado de corte, animais mais cara limpa, também é importante o planejamento do que irá para cruzamento e o que vai servir para fazer a reposição. É o conceito que chamamos de gestão genética, em que analisamos a base de fêmeas, classificando-as em grupos de qualidade. As melhores ou, no vocabulário do campo, as “cabeceiras” são apartadas para compor o núcleo de reposição e as mais fracas ou descaracterizadas, porém com capacidade de desmamar um bom bezerro, seguirão para a base do rebanho de cruzamento. E atenção: aquelas consideradas “fundo”, fracas e ruins de produção, devem ir para o descarte! Muitos cometem o erro de tentar aproveitá-las para o cruzamento, mas não há touro milagroso a ponto de fazer vaca infértil ou ruim de produção desmamar um bom bezerro de corte.

Tomadas de decisão acertadas na seleção das fêmeas, nos descartes, nos acasalamentos e na compra de reprodutores são ponto crítico para o sucesso na colheita de bons bezerros. Gestão genética otimizada por um suporte técnico de qualidade é garantia com a qual o pecuarista pode e deve se cercar para que o resultado desejado aconteça.

Decisões erradas, nesse caso, podem custar muito caro. Lembrem-se: colhemos o que plantamos. Nesta estação de monta, prepare bem a base e escolha bem as sementes.

Boa colheita! 🐾



William Koury Filho é zootecnista, mestre e doutor em Produção Animal, jurado de pista de Angus a Zebu e proprietário da Brasil com Z® – Zootecnia Tropical